

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE; Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

## A VERDADE

Palavras honestas do sr. dr. Oliveira Salazar, confirmando o «superavit» que odientos sem patriotismo negavam e negam:

As gerências de 1912-1913 e a de 1913-1914 fecharam com os saldos positivos de Ls. 2:650 e de Ls. 976:785; o mesmo é dizer que se poderia considerar extinto o deficit no Orçamento Geral do Estado.

Haverá ainda alguém tão desonesto que tenha esta afirmação como suspeita?!

Da «Montanha».

### Justiça tardia

Honestamente, o dr. Oliveira Salazar faz justiça ao dr. Afonso Costa, que foi o ministro das Finanças que conseguiu o milagre, não só das suas previsões orçamentais, sempre hipotéticas e dependentes de circunstâncias várias, mas em resultados efectivados, matematicamente positivos, claros como a clara água, rigorosos como o rigor sobrio dos números de apuramento final.

Não queremos, nem é o momento propício a tal, tirar ilações de ordem política: não queremos porque não são necessárias: um axioma não tem demonstração: impõe-se. Não é o momento propício porque, como patriotas e como portugueses, como todos que o são, desejamos o equilibrio das despesas públicas, venha donde vier.

Este desejo, porém, não impede que queiramos Justiça para aquele que, tão patrioticamente e tão competentemente como qualquer outro igualmente patriota e competente, conseguiu patrioticamente o milagre do equilibrio orçamental, não só prometido e garantido, como efectivado. A esse, ao dr. Afonso Costa, o caluniado, foi feita Justiça.

\*

O milagre do equilibrio, do «superavit» realizado, tal como o não menos *miraculoso* milagre de Tancos, devem-se aos dois mais odiados e mal tratados marechais do partido democrático — Afonso Costa e Norton de Matos! Justiça foi feita a um: Justiça se fará, um dia, ao outro.

Depois do que acima fica transcrito, ainda haverá alguém com coragem para contestar a obra financeira do dr. Afonso Costa?

Pois se há, que diga de sua Justiça, que nós diremos da nossa, com tempo e vagar.

Da «Montanha».

### Caldas das Taipas

Realiza-se hoje um brilhante festival a favor da Casa dos Jornalistas do Porto, com o seguinte

#### Programa

Torneio de tiro aos pombos, às 12 horas, no Campo de Jogos do Club de Caçadores das Taipas, dedicado ao Decano dos Caçadores Portugueses, Ex.<sup>ma</sup> Sr. Baptista de Sá, que será seu director. Sete valiosos prémios. Inscrição, 80.000, incluindo o jantar no Hotel das Termas.

Arraial minhoto, às 22 horas, no Parque do Hotel das Termas. Deslumbrantes iluminações à

moda do Minho. Concerto musical. Descantes e danças. Fogos de artifício. Artísticas barracas de chá; caldo verde; refrescos; roleta; patos; pim-pam-pum; sina; quermesse; caricaturas; venda de vários artigos por gentis senhoras vestidas à minhota.

*Colaboração gentil da illustre Associação dos Empregados do Comércio de Guimarães*, que entre outros números sensacionais apresentará o seu «bailarico» e respectiva festada.

*Carreira de camionete de Braga e Guimarães.*

Este número foi visado pela Comissão de Censura

### O Orçamento Geral do Estado

II

Como é do domínio público e como acontece em todos os organismos, um governo tem a sua constituição natural determinada pelo seu objectivo.

«Esse objectivo é a conservação da Sociedade, implicando a do domínio que lhe fornece os seus meios de subsistência».

Uma vez que esse objectivo falhe, que haja uma pressão prejudicial de influências estranhas, opéra-se uma invasão que alastra excessivamente para o domínio da «actividade particular» e vai reforçar o combatido regimen da preponderância, sem que sequer se lembre do retrocesso da colectividade.

E' a formula de se dizer: *o Estado entrou de sociedade com as empresas particulares.*

Ressalta nítido o «proteccionismo», e, considerado sob o ponto de vista económico, somos obrigado a um «trabalho grátis» cuja consequência agrava o «trabalho útil» e põe dique, entrave e barreira, à responsabilidade efectiva do governo.

Por um processo análogo, e sempre indirectamente, impõe à Nação, qualquer que ela seja, encargos que ultrapassam as suas faculdades contributivas. Compulsando, dest'arte, a função do Estatismo com a do Proteccionismo, nota-se e conclue-se que, em verdade, o agravamento de encargos é uma pura realidade, que existe um acréscimo intolerável e que não encontramos «capacidade» capaz de os suportar.

Daqui resulta que o Estatismo e o Proteccionismo absorve «uma parte sempre crescente» dos frutos da nossa riqueza a um tempo que cria uma situação ameaçadora, medonha, em detrimento dos mais fracos.

Fatalmente vem um desequilibrio, e, para os especialistas em matéria de finanças, importará saber se a grande acumulação existente serve para cobrir receitas ou despesas úteis (?).

Vejamos agora a lição que nos dão os números.

Segundo a opinião do illustre economista e antigo ministro das Finanças, sr. Dr. Marques Guedes «o orçamento Oliveira Salazar acusa vários cortes e economias, computadas em 140 mil contos. Não obstante esse esforço, as despesas orçam-se em mais de 1.900 mil. Os números cita-

dos estão determinando a existência de um mal que não remite, mau grado todos os esforços, por mais tenazes e decididos».

Anselmo Vieira, distinto economista e pessoa insuspeita, conhecido como é o seu credo político, avisa-nos de que «a redução real e efectiva das despesas totais do Estado, segundo a previsão orçamental, em relação às de 1927-1928, é de 1,32 % ou sejam menos 25.614 contos, números redondos e que o aumento das receitas, ordinárias e extraordinárias, foi de 23,45 % ou sejam mais 364.630 contos que, por meio do agravamento de impostos se hão-de arrancar à depauperadíssima economia do povo português».

Há mais provas eloquentíssimas: o Estado forneceu créditos que não entraram às companhias dos Tabacos e Fósforos, às empresas ferro-viárias, aos bancos emissores e à Moagem, que se contam em uns milhares de contos; não liquidou ainda as dívidas de Reparação e do Crédito de 3 milhões de Ls.; não reviu o processo das 100 mil libras, o das oficinas do Barreiro e do fornecimento de material de aviação... já não falando em empresas particulares...

Como compreender equilibrio feito tão elevadamente e quando se dispensam, por inoportunas, outras verbas que nos parecem de grande importância e que são partes do todo que forma o nosso maior quinhão?!

Como conceber um saldo positivo, um equilibrio de contas em beneficio do Estado, se permanece firme o domínio da «actividade particular»?!

Como acreditar na exactidão dos números se as maiores verbas continuam fora do orçamento do futuro ano económico?!

Vejamos ainda o que nos diz o sr. Anselmo Vieira sobre a aplicação de receitas. Vejamos e continuemos fazendo o confronto.

«Exercito de terra, 343.000 contos;

Marinha, 174.000 contos;

Guarda Fiscal, 44.000 contos;

Guarda Republicana, 95.000 contos;

Polícia cívica e de investigação criminal, 45.000 contos;

Temos aqui um total de 701.000 contos. Note-se que não contamos ainda com a chamada Polícia de Informações do Ministério do Interior. Acrescente-se a essa bonita verba a importância de 402 mil contos, encargos e dívidas, e encontraremos 1.103.000 contos, ou mesmo um milhão e cincoenta mil contos, incluindo a despesa com a policia de informações e

### Notícias pessoais

De visita ao seu particular amigo, sr. José Fernandes Guimarães, esteve ha dias nesta cidade, acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> familia o nosso presado amigo sr. Egidio Martins dos Santos, antigo vereador da C. M. do Porto.

Há alguns dias que aguarda o leito, bastante enferma, a Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Lucinda Rocha, tia do nosso valoroso correligionario sr. Dr. Mariano da Rocha Felgueiras, antigo deputado e presidente da Camara Municipal de Guimarães.

De visita a sua familia, seguiu ha dias para Vigo-Espanha, a Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Mercedes Felgueiras, virtuosa esposa do nosso presado amigo sr. Dr. Mariano da Rocha Felgueiras.

Regressou ha dias de Francelos acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> familia o nosso amigo sr. José Fernandes Guimarães, vogal da Comissão Municipal do P. R. P. neste concelho.

Para Monsul seguiu ha dias o nosso presado amigo sr. Padre José Carlos Simões Velloso de Almeida, professor-director do Internato Municipal.

Encontra-se nesta cidade, em goso de férias, o nosso presado amigo e correligionario sr. Dr. Jerónimo Martins da Rocha, intergerrimo Delegado do Procurador da Republica, na comarca de Alcaccer do Sal.

outras inevitáveis e pouco mais ou menos da mesma espécie».

Haverá motivo para grandes alegrias?

Não nos surge desolador o cáos das nossas finanças?!

Distribuído desta maneira o quantitativo das receitas, congratulámo-nos e esperamos obra de fomento que alivie o Estado?!

Creemos que semelhante arbitragem de contas é motivo justificado para sérias preocupações, é uma barafunda de difícil acomodação.

Como o grande economista sr. Anselmo Vieira, direi também: «nas circunstâncias em que nos encontramos, atravessando o período de maior desequilibrio económico que Portugal tem tido, nestes últimos tempos, não será motivo de grandes surpresas chegarmos a uma conjuntura em que a libra atinja cotações absolutamente imprevisitas. Em tal caso hão-de romper-se os diques do erário, e adeus equilibrio do orçamento».

F. G.

## LIBERDADE

De declarações feitas por sua ex.<sup>a</sup> o Ministro do Interior, há tempos, tiramos a conclusão de que a censura iria ser regulada de molde a cada um poder dizer o que pensa e o que sente.

Nada, porém, até esta data, foi resolvido, e ou sua ex.<sup>a</sup> se esqueceu ou qualquer outro motivo subsiste para que a censura continue com o mesmo rigor com que principiou.

Mas, se o Governo tem a opinião pública a apoiá-lo, como, quasi diariamente, o afirma nas suas notas officiosas, nenhuma razão justificável pôde haver para que tal estado se mantenha.

Não queremos a liberdade de imprensa para combatermos a ditadura, mas queremos-la para nos defendermos dos nossos inimigos, sem entraves nem opressões, que constantemente nos insultam, nos procuram vexar e amesquinhar, indigna e hipocritamente.

Enquanto que a imprensa *jacobina* assim procede, nós, os republicanos, somos impedidos de usarmos dos nossos meios, faltando-nos a liberdade e tolerância que elles têm.

Não queremos dizer que isto se dê em toda a parte, porque, façamos essa justiça, ainda há censores que, sem fugirem ao cumprimento dos seus deveres, não toleram que o ideal republicano sirva de um *simples farrope* nas mãos dos seus inimigos.

Qualquer pandilha insulta um republicano digno e honesto, desde que para isso tenha um *pedaço de papel* às suas ordens com um cabeçalho azul e branco...

E' isto o que os republicanos não podem nem devem consentir e é também para isto que o ex.<sup>mo</sup> Ministro do Interior deve dispensar um pouco da sua atenção, se pretender prestigiar a República.

Da nossa parte, não pretendemos iludir nem faltar à verdade, porque aquilo que acabamos de dizer não merece, ou pelo menos não deve merecer, a mais pequena dúvida a quem tem o bom costume de vêr as coisas como elas são.

Para confronto, leia-se a imprensa monárquica e a republicana e claramente se verá quem insulta, quem calunia, quem enxovalha, quem falta à verdade, quem ameaça, etc., etc.

Parece uma utopia, mas é uma verdade!... Isto não é meter foice em seara alheia, é apenas a narração de factos verídicos, para os quais pedimos as devidas providências.

Mantenha o Governo a censura, mas entregue-a mesmo nas localidades como Guimarães, a criaturas que não tenham a ponta do lápis envenenada, como aqui já succedeu.

Havendo liberdade para os nossos inimigos, que a haja também para nós e julgamos que seria este o melhor meio de o Governo resolver o assunto de que vimos tratando.

Teríamos a serenidade e prudência precisas para não comprometermos essa liberdade, que era

## Crónica de viagem Riquesas perdidas

O que eu vi e ouvi  
por Guardizela

11

O prometido é devido. Em cumprimento desse velho ditado, cá me tem os leitores a estampar-lhes estas pequenas e desprezíveis notas colhidas à *la diable* na minha visita a Guardizela.

Nada lhes digo sobre a maneira fidalga como fui recebido no solar dum meu velho amigo, daquele companheiro do *latinorum* à sr. padre Anselmo e da *sciencia exata* do ilustrado professor Dr. Oliveira e Sá. São passagens tão íntimas que só nas nossas almas poderão ficar gravadas. Reproduzi-las, mesmo que ao de leve, na letra de fôrma, seria um crime de lesa-majestade, seria até uma profanação.

Adeante, portanto.

São 16 horas do dia... de Junho do ano do nascimento de N. S. Jesus Cristo de 1928. Após um calor sufocante, começou a perpassar uma viração suave que nos encorajou a uma pequena digressão pela aldeia «silenciosa e triste».

Depois de galgarmos, não sem custo, uma velha e ingreme calçada que bem denota o pouco brio de quem chefia os destinos desta terra, deparamos com o Cemitério, o Campo Santo da aldeia, gemendo o seu abandono.

O que por ali vai!...

Que calamidade!...

Uma tristeza profunda apoderou-se de mim ao ver um lugar tão sagrado, tão santo, um lugar que a todos deve impôr respeito e veneração, entregue, criminosamente, às ervas bravas que, com o seu crescer ao desalinho, escondem, impiamente, essas campas velhinhas de nossos antepassados!...

Que falta de conhecimentos e que corações empedrenidos caracterizam este povo!...

Quem assim desrespeita os mortos, quem consente na monstruosidade de ter um Cemitério em tal estado de abandono, por força que é selvagem!

Soube depois qual o entretenimento deste povo. A maior parte d'ele passa a vida a trilhar o caminho da igreja; rezar e cantar ao som do *harmonium* que um *jesuita* comprou, bater no peito e papar hóstias — eis a ideal consolação desta gente.

Mal vai, porém, a uma terra — eu o afirmo sem medo de contestação — onde o *jesuitismo* começa a imperar, porque ele é o mais vigoroso inimigo do progresso. Quando uma terra se deixa apanhar pelos monstruosos tentáculos desse *pólvo* asquerôso, fatalmente tem de ser retrógada.

Isto é do «Syllabus» — desse «mapa estratégico contra a civilização» como lhe chamou o grande Herculano: — «O pontífice romano não pode nem deve transigir nem reconciliar-se com o progresso, liberalismo e a civilização moderna. (Syllabus) — Pio X, prop. LXXVII e LXXX.»

Se quereis progredir, ó povos de Guardizela, abandonai essas aves noctivagas e agoirentas que vos aturdem os ouvidos com o seu sinistro piar e apontai-lhes o caminho da *saida* — o caminho da rua: — **Fora! Fora!**

Por hoje, ponto final. *La suite* ou *prochain numéro*.

A. P.

bem mais *airosa* para a situação, do que o estado actual em que este magno assunto se encontra.

Pedir liberdade para nos defendermos, não é um crime, é um dever.

A uma dezena de kilómetros de Braga, a nascente da Falperra, ali onde a feracissima veiga de Sande beija o formoso Ave, levanta-se uma alegre povoação: As Taipas. Quais os bracarenses que conhecem as Taipas?

Ligado a Braga por uma linda e magnífica estrada, em que a cada momento o panorama muda como por encanto, de tantos milhares de habitantes que Braga tem, quantas desenas saberão o que são as Taipas?

Alguns haverá ainda que de fuga para Guimarães, sabem o nome da povoação, mas quantos saberão que ali está uma das grandes riquezas do minho, uma das boas fontes de ouro ignorado que tanto abundam no nosso Portugal!... E no entanto é esta a verdade: As Taipas são manancial de riqueza pois das suas fontes brota a saúde de tantos doentes, alguns de aspecto bem miserável ao iniciarem o tratamento e que em poucos dias se veem transformados; e haverá ouro que pague a vida do homem? E quantos devem a saúde a essas águas milagrosas que brotando do solo apenas esperam pelo enfermo para lhes restituir a beleza do corpo e quem sabe, se, com esta, a candura da alma?!

E no entanto elas ali estão a poucos kilómetros ignoradas da maioria dos bracarenses quando poderiam ser para Braga um nome forte de riqueza e saúde.

E não nos digam que nas Taipas não há comodidades.

A par de um esplêndido balneário onde se pratica toda a moderna terapêutica das águas sulfurosas, balneário amplo, limpo e dotado de todos os requisitos que a hygiene exige, há bons hotéis onde os enfermos se podem aljar; mas os bracarenses não precisam de permanecer nas Taipas para lhe fruir os benefícios. Em alguns minutos de automóvel galga a pequena distância que os separa da milagrosa água e em uma hora e meia pode estar de volta a casa o padecente que dela precisa.

Que o digam as trinta e tal pessoas que todos os dias numa dezena de automóveis ali vão buscar o alívio aos seus males.

Parece que Braga acorda e percebe que tem aqui ao pé da porta, na magnífica instalação das Taipas aquilo que alguns teimam em ir buscar a outras terras distantes, quer nacionais, quer estrangeiras.

Honra pois a essa dezena de patricios nossos que nos fazem descobrir aquilo que há tanto tempo devíamos já conhecer: A nossa terra, as suas belezas, e fontes de riqueza e de saúde.

Braga, Julho de 1928.

L.

## Concurso

Em Lisboa, no mês passado, prestaram provas no concurso de professorado às Escolas Complementares, os nossos presados amigos e devotados republicanos, srs. P.<sup>o</sup> Carlos Simões de Almeida e Amadeu José de Almeida.

Belamente classificados, congratulámo-nos com o resultado e apresentamos os nossos cumprimentos.

## Roda completa

Perdeu-se uma de automóvel entre Famalicão, Guimarães e Vizela.

Pede-se a fineza de a entregar no Café Oriental — Guimarães.

Gratifica-se.

## Exposição Agrícola e Pecuária

## Palácio de Cristal Porfuese

Sob o patrocínio do Snr. Ministro da Agricultura, a Sociedade Arrendatária do Palácio de Cristal e o Ministerio da Agricultura levarão a efeito uma *Exposição Agrícola e Pecuária* a realizar no próximo mês de Outubro e com os seguintes fins:

1.<sup>o</sup> — Mostrar através dos seus produtos, a situação actual da agricultura portuguesa;

2.<sup>o</sup> — Demonstrar as diferentes possibilidades regionais da produção agrícola nacional;

3.<sup>o</sup> — Estabelecer o contacto entre os produtores, os serviços officiais e dos compradores de artigos agrícolas;

4.<sup>o</sup> — Promover a expansão do emprêgo da moderna maquinaria e utensilagem e dos produtos necessários á intensificação da produção agrícola e pecuária;

5.<sup>o</sup> — Encaminhar nos sentidos mais convenientes a produção agrícola nacional.

Atendendo á boa orientação da iniciativa tomada e como o seu triunfo não depende exclusivamente do seu esforço, de esperar é que os Sindicatos, Ligas e Federações agrícolas correspondam ao apêlo da Comissão Organizadora.

«E' preciso demonstrar o valor da Agricultura, e é preciso criar interesse por essa grande fonte de riqueza» e é só pela aliança das organizações agrícolas com as comissões iniciadoras de certamens expositivos que tal se poderá conseguir e pôr em evidencia o seu desenvolvimento.

## Dr. Antonio José de Almeida

A bordo dum navio partiu para Hamburgo, acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa, o venerando democrata e inclito cidadão, Ex.<sup>mo</sup> sr. Dr. Antonio José de Almeida que, ali, vai sugar-se a um tratamento rigoroso em uma casa de saúde.

Oxalá que S. Ex.<sup>a</sup> consiga que os seus impertinentes padecimentos se debelem totalmente e volte apto a regressar á actividade politica.

«A Velha Guarda» saúda respeitosamente o grande e indefectível republicano e deseja-lhe uma boa viagem.

## «O Conquistador»

Por razões muito especiais, não tem sido publicado nestas duas ultimas semanas o nosso presado colega local «O Conquistador».

GRAFONOLAS e discos Homocord, Odeon e outros, ultimas novidades, e agulhas próprias para todos os sons, vendem-se na Casa de Santa Teresinha, Rua da República, 122.

## Venda de propriedades

Para efeitos de partilhas, vendem-se duas magnificas propriedades, uma situada na freguesia de Santo Estevam de Briteiros, denominada «Vila-Chão» e outra na de Santa Eufemia de Prazins, denominada «Pedraído» do concelho de Guimarães e nas proximidades das Caldas das Taipas, confinando ambas com estrada de rodagem.

Aceitam-se propostas e trata-se com Antonio Melo, Avenida da Liberdade, 203-Braga.

## A' volta dum acontecimento

## O oitavo centenário da Batalha de S. Mamede

Continuado do n.º 185

Refugiado em Penafiel, perto de Valledolid, e depois de fustigar em Viadangos as forças do galego Diogo Gelmires, viu que inesperado sitio lhe punha D. Henrique com as forças reunidas da sua ardente consorte. Que iria fazer o irascível chefe das armas aragonêsas, assim tão alvejado na sua sobranceira, em presença daquele apertado cerco? Era um valente, um verdadeiro heroi. Mas D. Henrique era também um inimigo para temer.

Afonso chamou reforços; e os seus amigos foram desbaratados no caminho de Penafiel. Entremetidos, entrava em scena D. Tereza.

Esta mulher, rebustez incansável num belo feminino, não se afadigava ao sol das batalhas nem no convívio rude da soldadesca. A trombeta de guerra belisonava estridente e as lindas faces de D. Tereza não se contraíam ao ver correr o sangue dos cavaleiros.

Visitou o destemido conde no seu acampamento. De ha muito que ela se lhe insinuara no ânimo pela grácil compleição. D. Henrique amava-a como se podia amar naquêle tempo; e a opinião da esposa, qualquer que ella fosse, calava fundo na sua consciência.

Chegada ali, logo instou com elle para obrigar a irmã a cumprir o tratado ou, com mais propriedade, as promessas. D. Henrique aceitou de bôamente esta ideia e principiou daí a teimar com D. Urraca. Esta fingiu acatamento já que intimamente lhe causava um instintivo horror a lembrança da repartição. Mas o seu amor próprio sentiu o cumulo do despeito ao ouvir os soldados portucalenses chamar rainha á filha de Ximena Nunes. O seu orgulho não podia aceitar semelhante transacção. E este pretexto fútil bastou para atormentar-lhe o fraco espirito. Que iniciou após isso uma série de entendimentos secretos com o marido na intenção de traír o cunhado e a irmã.

Neste propósito levantou o cerco e dirigiu-se a Palência com o rótulo de fazer as partilhas. D. Henrique acompanhou-a. Ali lhe foram empossados alguns castelos e, cabendo-lhe Zamora, então no poder dos inimigos, foi incumbido de ir toma-la enquanto que D. Tereza seguia na companhia de D. Urraca. O trama, bem desenvolvido, corria os desejados trâmites. O lôgro seria certo, mas D. Henrique podia conta-lo no número das suas glórias. Porque, se dum lado surgia o fracasso, do outro evidenciava-se o direito da revolta e consequentemente a declaração formal da nossa independência. Que era afinal a aquiescência de D. Urraca, mesmo fingida, senão um como alvará desligando o cunhado do numero dos seus vassallos?

D. Henrique levou ainda a melhor. Não o entendeu assim D. Urraca; pois, partindo com a irmã, a abandonou em Sahagun, seguindo para Astorga com inconfessaveis designios. De facto, Afonso de Aragão correu nas pisadas de D. Tereza e não conseguindo surpreende-la no mosteiro daquela localidade, mandou alguns soldados em sua perseguição. Sabedor disto foi o velho conde. E, irritado com tamanha vileza, resolveu trabalhar por conta própria.

(Continúa).